

Forma literária e processo social: Roberto Schwarz e as relações de favor nos primeiros romances de Machado de Assis

Karim Helayel¹

Resumo: O presente trabalho tem como objetivo principal acompanhar o traçado delineado pela problemática das relações de favor em *Ao vencedor as batatas* (1977), livro escrito pelo sociólogo e crítico literário Roberto Schwarz. Mais especificamente, analisar-se-á a parte voltada para a análise dos primeiros romances de Machado de Assis, *A mão e a luva* (1874), *Helena* (1876) e *Iaiá Garcia* (1878), intitulada “O paternalismo e a sua racionalização nos primeiros romances de Machado de Assis”. Procurar-se-á perscrutar o processo de construção intelectual cumulativo, no que se refere à perspectiva de Schwarz sobre o favor, tema importante em diversos textos de interpretação do Brasil. É imprescindível salientar que se deve ter em vista a ênfase concedida por Schwarz à matéria local ao analisar a obra de Machado de Assis, própria da configuração e da experiência social brasileira, identificando o favor como um dos aspectos constitutivos centrais de nossa vida social.

Palavras-chave: Roberto Schwarz; relações de favor; interpretações do Brasil; pensamento social brasileiro.

A pesquisa que vem sendo desenvolvida possui, como temática mais ampla, as relações de favor nos chamados textos de interpretação do Brasil. Afigura-se relevante sublinhar que tais relações são aqui entendidas enquanto dinâmica sociocultural, tomando como horizonte analítico as interpretações do Brasil, que sobre elas se debruçam. Neste sentido, nosso objeto é a interpretação do sociólogo e crítico literário Roberto Schwarz, a respeito deste aspecto constitutivo central da experiência social brasileira, também codificada nos romances de Machado de Assis, os quais ele vem estudando. Neste sentido, deve-se ressaltar que o material empírico sobre o qual Schwarz se apoia, para construir sua teoria a respeito das relações de favor, são os romances escritos por Machado de Assis. Concordando com Leopoldo Waizbort (2009), que se debruçou sobre a obra de Schwarz, os romances

¹ Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro (PPGSA/UFRJ).

escritos por Machado de Assis seriam, “uma concreção, em forma literária, de um processo social amplo e complexo, de que dá notícia e revela como nenhuma outra forma cultural fora capaz de fazer” (WAIZBORT, 2009, p. 409).

Mais especificamente, para este trabalho, conceder-se-á ênfase às análises de Roberto Schwarz sobre os primeiros romances² de Machado de Assis, presentes no livro *Ao vencedor as batatas* (1977), tendo como recorte analítico a ótica do crítico a respeito da dinâmica do favor. Este tipo de proposta pode ser contributiva para que se obtenha dimensão do processo de construção da problemática do favor por parte de Schwarz. Assim, deve-se ressaltar que Schwarz identifica a família como o princípio formal dos primeiros romances de Machado de Assis (SCHWARZ, 2000a). O crítico enxerga que a família é, nestes romances, “agente civilizador” ou “refúgio dos civilizados”, bem como “critério da moralidade e da racionalidade das ações humanas, e seus desencontros – que são dificuldades, mas não problemas – formam o centro reflexivo destes livros, confinados quase inteiramente ao seu círculo” (Idem, p. 89).

O favor aparecerá, deste modo, circunscrito à órbita familiar, uma vez que a família é identificada, por Schwarz, como a origem do impulso analítico machadiano em seus primeiros romances. Em suma, o objetivo deste trabalho será indicar os pontos principais da perspectiva do crítico, a respeito das relações de favor, nos primeiros romances de Machado de Assis, a fim de perscrutar a maneira como Schwarz formula a problemática de tais relações, as quais figuram também nas obras de outros intelectuais brasileiros, desde a vertente ensaística até à vertente referente ao contexto no qual as ciências sociais já se encontravam institucionalizadas no Brasil (FRANCO, 1997; FREYRE, 2004; HOLANDA, 1995; LEAL, 2012; QUEIROZ, 1976; VIANNA, 1973).

Os pressupostos estéticos de Roberto Schwarz

Antes de iniciar a análise aqui proposta, é conveniente recorrermos aos pressupostos do tipo de crítica literária empreendida por Antonio Candido, a qual fundamenta a perspectiva teórico-metodológica de Schwarz. Candido postula a importância do movimento dialético –

² Os romances de Machado de Assis analisados por Roberto Schwarz em *Ao vencedor as batatas* (1977) são: *A mão e a luva* (1874), *Helena* (1876) e *Iaiá Garcia* (1878).

referido à dialética entre forma literária e processo social - de modo a encontrar os aspectos constitutivos de uma determinada sociedade reordenados e codificados na tessitura das obras literárias. A exposição dos pressupostos teórico-metodológicos aqui discutidos auxiliará tanto na localização de Schwarz diante da perspectiva de Candido, bem como na qualificação da abordagem do primeiro em relação as questões enfrentadas em seus trabalhos.

Neste caso, em primeiro lugar, deve-se notar que a esfera social é significativa, de acordo com Antonio Candido, como elemento que desempenha determinado papel na estrutura literária, tornando-se, por conseguinte, interno (CANDIDO, 2010a). É relevante sublinhar o que Candido denomina como “redução estrutural”, ou seja, “o processo por cujo intermédio a realidade do mundo e do ser se torna, na narrativa ficcional, componente de uma estrutura literária, permitindo que esta seja estudada em si mesma, como algo autônomo” (CANDIDO, 2010b, p. 9). Leopoldo Waizbort elucida, em *A passagem do três ao um* (2007), a importância do conceito de “redução estrutural”, proposto por Candido. Segundo Waizbort:

Redução estrutural” é fórmula do crítico para “mediação”, e “crítica integrativa” para “análise imanente”. Assim, almeja solver o problema da relação de interno e externo, do que está dentro do texto, mas formula o que está fora. Trata-se da tarefa crítica, o caminho para a compreensão do paradoxo mencionado. E daí o destaque, sempre recorrente, à *coerência*, como dimensão, na própria fatura, isto é, no próprio texto, na qual esse nexos se resolve – que a vertente dialética do século XX fixou na ideia de forma literária, não sem dificuldades e tropeços (WAIZBORT, 2007, p. 246, grifos do autor).

Schwarz toma a perspectiva de Candido como ponto de partida, podendo-se dizer, portanto, que o primeiro também procura analisar “o comportamento ou o modo de ser que se manifestam dentro do texto, porque foram criados nele a partir dos dados da realidade exterior” (CANDIDO, 2010b, p. 10). A mediação entre o interno e o externo, bem como a relação entre forma e conteúdo não são realidades separadas e hermeticamente fechadas, já que compõem uma imbricação que deve ser levada em conta no âmbito do movimento analítico de uma determinada obra literária. Ao empreender o tipo de análise ensejada, tanto Candido como Schwarz enxergam a constituição do texto enquanto força social interpeladora da sociedade, uma vez que esta não passa despercebida da inteligibilidade que é construída sobre si mesma. Em suma, nesta direção, Paulo Arantes nota que - ao discutir os principais

elementos do texto “Pressupostos, salvo engano, de ‘Dialética da Malandragem’”(1979)³, de Roberto Schwarz,

a pedra angular é a noção de forma, princípio mediador responsável pela junção de romance e sociedade; assim entendida, ela é parte dos dois planos, organizando em profundidade os dados da ficção e do real; vem daí o alcance mimético da composição, que não existiria se ela não fosse imitação de algo já organizado e não reprodução documentária de eventos brutos; assim o que a estrutura literária “imita” é por sua vez uma estrutura. (ARANTES, 1992, p. 42)

Em síntese, Candido enfatiza que a capacidade de interpelação e convencimento dos textos literários depende menos de sua referência ao mundo exterior do que de sua organização formal própria, pois o social somente ganhará vida na obra literária se for devidamente reordenado (CANDIDO, 2010b). Como sugere Silvia López, um crítico como Roberto Schwarz, orientado também pelas proposições de Theodor Adorno e Walter Benjamin, preocupou-se em “encontrar dentro do texto as configurações ou as constelações que iluminem seu momento histórico” (LÓPEZ, 2007, p. 28). Para Candido e Schwarz, afigura-se central uma análise que conceda autonomia aos textos literários, por serem estes portadores do plano social, o qual se encontra codificado na composição e urdidura dos mesmos. Mas, como alerta Schwarz, em seu ensaio “Adequação nacional e originalidade crítica” (1992), não se trata de reduzir uma estrutura a outra (reduzir a estrutura social à estrutura literária ou vice-versa), mas de refletir historicamente sobre a constelação formada por elas (SCHWARZ, 1999).

Ao vencedor as batatas e a problemática do favor

Seguindo a arquitetura do livro *Ao vencedor as batatas*, no intuito de adentrar o eixo central do pensamento de Roberto Schwarz, é importante evidenciar que ao analisar a configuração social do Brasil oitocentista, o autor define o favor, em “As ideias fora do lugar”

³ Em “Pressupostos, salvo engano, de ‘Dialética da Malandragem’”, Schwarz discute o texto “Dialética da malandragem” (1970), de Candido, no qual este desenvolve uma análise do romance *Memórias de um sargento de milícias*, de Manuel Antonio de Almeida. Neste texto, Candido identifica a dialética entre ordem e desordem, como componente principal do processo de formalização estética do romance (CANDIDO, 2010a). Por sua vez, Schwarz destrincha a discussão proposta por Candido, ressaltando que “esta forma é tanto o esqueleto de sustentação do romance, quanto a *redução estrutural* de um dado social externo à literatura e pertencente à história. Trata-se, noutras palavras, da *formalização estética* de um ritmo geral da sociedade brasileira da primeira metade do século XIX” (SCHWARZ, 1987: 132, grifos do autor). Assim, Schwarz elenca os principais tópicos dos interesses de Candido: “*Formalização estética de circunstâncias sociais; redução estrutural do dado externo; função da realidade histórica na constituição da estrutura de uma obra*: de diferentes ângulos, são formulações do que interessa a Antonio Candido neste ensaio” (Ibidem: 142, grifos do autor).

(1973)⁴ como a mediação quase universal das relações sociais no Brasil (SCHWARZ, 2000a). Deve-se atentar para o *quase* presente na asserção do crítico, uma vez que a mercadoria é, como também discute, figura presente na configuração das relações sociais brasileiras, malgrado não constituir sua principal mediação. Assim, de acordo com suas formulações, fortemente interpeladas pelo livro *Homens livres na ordem escravocrata* (1969), de Maria Sylvia de Carvalho Franco, o modo de produção baseado no trabalho escravo produziu três classes de população: o latifundiário, o escravo e o homem livre pobre, residindo seu interesse analítico nesta última classe (Idem). Devido ao fato de o trabalho ser realizado pelos escravos, a classe dos homens livres pobres, naquele contexto histórico-social específico, aparentemente, não tinha *raison d'être*. No caso específico do homem livre pobre, circunscrito à situação singular da sociedade escravocrata brasileira, pode-se notar que seu acesso aos bens materiais e imateriais dependia do favor de um proprietário. Esta relação, que desempenha papel relevante para o argumento de Schwarz, encontra-se assentada em uma assimetria das relações de poder, inerente a este tipo de armação social, calcada em uma relação de prestação e contraprestação de favores, cujo peso recaía para o polo no qual está inscrita a massa de homens livres pobres. Desta maneira, para Schwarz, além de ser a mediação quase universal das relações sociais no contexto sociocultural brasileiro, o favor é “o mecanismo através do qual se reproduz uma das grandes classes da sociedade [refere-se aos homens livres pobres], envolvendo também outra, a dos que têm [no caso, os latifundiários]” (Idem, p. 16).

Adentrando o cerne deste trabalho, o objetivo principal será acompanhar o traçado da problemática das relações de favor em *Ao vencedor as batatas* - mais precisamente, na parte destinada à análise dos primeiros romances de Machado de Assis, *A mão e a luva* (1874), *Helena* (1876) e *Iaiá Garcia* (1878), intitulada “O paternalismo e a sua racionalização nos primeiros romances de Machado de Assis” - no intuito de analisar o processo de construção intelectual cumulativo, no que diz respeito à perspectiva de Schwarz sobre estas relações, centrais em várias interpretações do Brasil. Faz-se necessário mencionar que Schwarz enfatiza a matéria local ao analisar a obra de Machado de Assis, própria da configuração e da experiência social brasileira, identificando o favor como um dos aspectos constitutivos centrais de nossa vida social. Concordando com André Bueno (2013), Schwarz encaminha

⁴ O ensaio “As ideias fora do lugar” foi publicado primeiramente na revista *Estudos* do CEBRAP, em 1973, aparecendo também como texto de abertura do livro *Ao vencedor as batatas*, de 1977.

para o centro de sua análise “o perfil efetivo do escravismo, do patriarcado, do mando, do arbítrio, da dependência e do favor” (BUENO, 2013, p. 139).

Na visão de Schwarz, os primeiros romances escritos por Machado de Assis são “deliberada e desagradavelmente conformistas” (SCHWARZ, 2000a, p. 83), objetivando justificar e civilizar o paternalismo. O crítico afirma que estes romances se nutriram de certa ideologia antiliberal, não concedendo espaço para “as generalizações libertárias, próprias do individualismo romântico, estão quase ausentes destes livros, em que há bastante injustiça e impasse, e nenhuma brisa de revolta social. Mais exatamente, estão postas à margem” (Ibidem, p. 85). O analista argumenta que a filiação conservadora de Machado de Assis, no que tange a tradição europeia, trouxe vantagens consideráveis à literatura brasileira, permitindo-lhe tratar de questões relativas ao *modus vivendi* brasileiro, gerando ganhos substantivos no que se refere à verossimilhança. Por outro lado, prossegue o autor, o ônus deste movimento operado por Machado de Assis, em seus primeiros romances, foi o corte de ligações com o contexto global que, no entanto, segundo ele, são retomadas na segunda fase do escritor, onde há “a reintegração abundante do temário liberal e moderno, das doutrinas sociais, científicas, da vida política, da nova civilização material – naturalmente à sua maneira dele” (Ibidem, p. 88).

Segundo Schwarz, o denominador comum dos primeiros romances de Machado de Assis é “a afirmação enfática da conformidade social, moral e familiar, que orienta a reflexão sobre os destinos individuais” (Ibidem). Ou seja, para o crítico, “*a família, de preferência abastada, é a intocável depositária da ordem e do sentido da vida*” (Ibidem: 89, grifos do autor). A família é, no caso destes romances, o princípio formal, configurando “o critério da moralidade e da racionalidade das ações humanas”, bem como a referência que circunscreve o centro reflexivo dos livros, nos quais a narrativa se passa restrita ao círculo familiar. Neste caso, para fins de nossa análise, vale ressaltar que as relações de favor emergem, também, nestes romances, inscritas e confinadas à órbita familiar.

Neste sentido, Schwarz salienta que o fato de Machado de Assis haver se debruçado sobre a ordem familiar permitiu, vale lembrar, ganhos significativos no que diz respeito à verossimilhança, tratando dos principais caracteres da experiência social brasileira, o que permitiu a modelagem de “um dispositivo literário mais chegado à nossa realidade” (Ibidem: 94). O crítico evidencia que, no Brasil, “a idealização da família move a narrativa em linhas

que guardavam contato com a prática multiforme e quase universal do paternalismo” (Idem). De acordo com o autor, o foco machadiano, que concede ênfase à família, por mais conservador que seja o seu posicionamento nos romances da primeira fase, permitiu a abordagem de questões substanciais para a compreensão do *modus operandi* das relações sociais assentadas no país, trazendo à tona o favor como ponto principal da dinâmica da vida social aqui existente.

Em *A mão e a luva*, segundo a interpretação do crítico, o elemento que se encontra em primeiro plano na narrativa é o favor. Guiomar, a heroína do romance, possuía dois pretendentes, que desejavam se casar com ela: Jorge, sobrinho da baronesa que protegia Guiomar, colocando-a na esfera de quem deve algo em troca por esta proteção recebida; e Luís Alves, que é o preferido de Guiomar. Ambos os pretendentes, na perspectiva de Schwarz, não violam a conformidade moral e familiar, o que os caracterizam como pretendentes vistos com bons olhos pela elite da sociedade brasileira oitocentista. Guiomar deve obediência à baronesa, o que, *a priori*, constituiria óbice significativo para a materialização de seu desejo em se casar com Luís Alves, trazendo à baila a dimensão do favor como um aspecto de primeira importância para o dilema vivenciado pela protagonista.

Nesta direção, Schwarz lança a seguinte indagação, importante para a sistematização do jogo do favor presente neste romance:

A conformidade social e familiar não periga com nenhum dos dois, pois os rapazes são intocáveis sob esse aspecto. O que está em jogo é a concepção do favor. A moça deve obediência irrefletida à sua benfeitora, ou terá direito de levar em conta os seus próprios desejos, de procurar um compromisso entre o seu interesse e os deveres da gratidão? Em termos gerais, Machado opõe ao paternalismo autoritário e tradicionalista um paternalismo esclarecido, que aproveita os dons naturais e a iniciativa do beneficiado, em lugar de sacrificá-los. (Ibidem, p. 99)

Afilhada e dependente da baronesa, este impasse reflete, conforme observa o crítico, o posicionamento social de Guiomar, que enxergará como solução a articulação da dimensão racional do cálculo ao sentimento, elementos a princípio inconciliáveis, no intuito de lograr êxito em seus objetivos, os quais se concretizam ao final do livro. Schwarz coloca que “o movimento da cooptação entrosa cálculos e sentimentos numa mesma aspiração, e modifica os termos do problema, guardando-lhes no entanto a nomenclatura conflituada” (Ibidem, p. 98 e 99). Esta “harmonia”, segundo o autor, é um ideal para o primeiro Machado de Assis, no sentido de civilizar e aperfeiçoar o paternalismo, podendo-se perceber a complexa coleção de soluções que traz em seu bojo “o universo do favor e liberal sempre articulados” (Ibidem:

100). A interpretação de Schwarz assinala que o que na obra de Alencar era “convívio esporádico” e “sem necessidade interna”, em Machado de Assis, passa a ter valia interna, tornando-se, sobretudo, “premissa na própria construção”. Para Schwarz, “já não se trata de encontrar aqui e ali a incongruência entre as ideias românticas e o tecido da sociedade local, mas de reunir estes termos no plano durável e generalizador das formas, onde a sua discórdia será elemento de vida” (Ibidem).

Ainda tratando de *A mão e a luva*, Schwarz realça a preponderância do movimento das relações de favor, que carregam para o seu campo gravitacional, as ideias liberais, dando origem “a um território com problemas, conflitos, prioridades e meandros próprios” (Idem). Neste caso, o analista menciona que as relações de favor passaram a ser bem mais que um assunto, tornando-se problemática relevante no romance machadiano. Schwarz salienta que esta

lógica reitera uma lógica real, naturalmente sem reproduzir a realidade inteira. Aqui o fundamento de tão singular brasilidade sem pitoresco, que todos reconhecem a Machado, e que ele próprio ambicionava. Mas é certo também que só na segunda fase esta lógica estará desenvolvida sem entraves. (Ibidem, p.100-01)

Em *A mão e a luva*, apesar da dialética entre o local e o global não configurar o sustentáculo do romance, Schwarz identifica indícios sobre como o paternalismo e as novas formas de propriedade, no caso, burguesas, não entram em conflito, “antes se completam, irmanadas que estão no acordo quanto à inépcia dos critérios românticos” (Ibidem, p. 105). A leitura que o crítico empreende aponta para a existência de um

conformismo mais penetrante, que reivindica uma versão modernizada de paternalismo, flexível na cooptação e aberto para as vantagens modernas. Um paternalismo que reaproveita a injustiça antiga e a nova em um todo que se quer progressista e sem preconceitos. (Ibidem, p. 108)

Fica clara, portanto, a constatação, por parte de Schwarz, da articulação entre o universo paternalista e seus pressupostos com os princípios modernizantes provenientes da Europa, amálgama este que contribuiria, na ótica do autor, para o que ele denomina, ao longo de sua obra, como a “reprodução moderna do atraso”. Deve-se ressaltar que, na concepção de Schwarz, o liberalismo, quando aclimatado ao contexto sociocultural brasileiro, não abole as formas de opressão características do paternalismo, pelo contrário, pode robustecê-las ainda mais, tal como fica patente em sua análise a respeito do caráter volúvel de Brás Cubas (SCHWARZ, 2000b), narrador do romance *Memórias póstumas de Brás Cubas* (1881), de Machado de Assis.

Em suma, pode-se notar diversos indícios na análise de Schwarz sobre *A mão e a luva*, da relevância da problemática do favor. Este aparece com clareza no dilema de Guiomar, que está entre o pretendente de predileção da baronesa e o de seu desiderato, bem como a articulação da dimensão racional do cálculo ao sentimento, por parte da protagonista, para a resolução de seu impasse, o que se afigura também, para o crítico, como solução literária relevante. No que se refere ao paternalismo e seu primado no plano formal, Schwarz assinala que Machado de Assis os explorou e sistematizou, sem, no entanto, dar conta de discutir com mais profundidade e ênfase o moderno individualismo burguês e a civilização mercantil (SCHWARZ, 2000a). Conquanto, não é desnecessário dizer que a densidade do romance, segundo a visão do analista, “é devida às formas de que falamos, que no sentido simples da palavra são genuínas, pois representam generalizações da prática social” (Ibidem, p. 101).

Já em *Helena*, o favor aparece acompanhado da perspectiva cristã, o que, para Schwarz, contribui para reorganizar o espaço do favor em linhas mais verossímeis. O jogo da cooptação será percebido, de acordo com o autor, pelo ângulo de visão da suscetibilidade (Ibidem). Ainda neste livro, conforme sua leitura, Machado de Assis permanece árduo defensor de um paternalismo aperfeiçoado, porém, sua posição tornou-se defensiva. Esclarece Schwarz:

Deixado a si mesmo, o jogo da cooptação e dos interesses burgueses dá resultados degradantes. Esta a nova tese, segundo a qual é preciso discipliná-lo. Em lugar da anterior confiança – algo cínica – no apetite e no desembaraço dos fortes, está a vigilância do preceito cristão (Ibidem, p. 117, grifos do autor).

Neste sentido, Schwarz observa que “cabe à severidade do amor familiar e cristão moralizar as diferenças sociais, e limpá-las da baixeza que porventura elas inspirem” (Ibidem, p. 118). Este ponto é importante, já que, desta forma, na leitura de Schwarz, Machado de Assis demonstra como a ambiência católica ressalta no paternalismo os aspectos que ela deveria coibir, como por exemplo, “a opressão, o desrespeito, a venalidade, a desconfiança, a permanente disposição à violência etc.” (Ibidem, p. 119). O crítico segue a análise, sublinhando que “o clima entre os bons é de muita virtude, ainda que a todo momento se suspeitem as piores indignidades, o que não deixa de surpreender. Como se verá, um ritmo em que as relações de favor se manifestem de maneira complexa e interessante” (Ibidem, p. 120).

Helena realça, de acordo com Schwarz, as contradições reais e dominantes, que concedem o tônus e a ossatura da sociedade brasileira, as quais constituem a profundidade do

livro. Para o sociólogo e crítico literário, o livro mostra que o favor e a dependência possuíam efeitos nefastos e degradantes, não obstante a perspectiva crítica se encontrar limitada pelos marcos impostos pelo movimento de racionalização do paternalismo (Ibidem). Cabe lembrar que, como menciona Schwarz, a protagonista do romance reconhece que “só as asas do favor me protegem” (MACHADO DE ASSIS *apud* SCHWARZ, 2000a, p. 125), dado relevante que denota o papel do favor para o andamento da trama e para o sentido que Helena confere a suas ações. O dilema da protagonista tem relação com a necessidade de ascenso social, entretanto, a escalada propugnada pela ideologia do livro, salienta Schwarz, deve suceder sem degradação. Schwarz observa que, na terminologia de *Helena*,

trata-se de preservar o sacrário da alma. Já na linguagem da situação, trata-se de escapar à submissão pessoal, mais ou menos completa, em cujo extremo nunca aludido [...] estão a figura do agregado e o horror de ser tratado como escravo. Embora idealizadamente, a vivacidade dos melindres de Helena reflete o peso destas dimensões mais prosaicas, em que a assimetria das relações paternalistas não se disfarça. (Ibidem, p. 125-26)

Mais à frente, Schwarz prossegue, citando Machado de Assis, que Helena “prefere a miséria à vergonha”, possuindo aversão a tudo o que possa gerar uma dívida, afastando de si, “família, herança, noivo, generosidade ou complacência de corações amigos” (Ibidem, p. 127). Pode-se constatar a detecção, por parte de Schwarz, da difícil posição dos agregados e dependentes na sociedade escravocrata, uma vez que sua contraditória inserção e acesso aos bens que este tipo de formação social poderia lhes outorgar dependiam dos favores dos proprietários. Depreende-se daí, a existência do embate entre a autonomia individual, ligada à lógica moderna, e a posição dependente a que estavam submetidos os homens livres pobres na sociedade brasileira oitocentista, vinculados, quase que irrevogavelmente, aos interesses discricionários e arbitrários das elites dominantes.

Deve-se recordar que, em *Helena*, segundo Schwarz, a dependência e a submissão pessoal possuem efeitos degradantes, gerando um paradoxo central para os homens livres na ordem escravocrata, pois, “o favor é a norma, o favor é insuportável, e fora do favor só existe miséria” (Ibidem, p. 127). Detalhando a asserção, de acordo com o autor, sem a mobilização do favor, por parte das camadas despossuídas do Brasil oitocentista, suas chances de sobrevivência na sociedade escravista tornam-se ainda mais exíguas, principalmente, em casos nos quais o dependente não o mobiliza tendo em vista sua autonomia e dignidade pessoais.

Ao analisar *Helena*, Schwarz ressalta que no caso do “obsequiado pobre, a independência pessoal é o mínimo imprescindível, ao mesmo tempo que o máximo inalcançável” (Ibidem, p. 128). Assim, o autor esquadrinha e sistematiza a armação social do enredo de *Helena*, “redução estrutural” do desenho do Brasil do século XIX: “De um lado, os proprietários e a propriedade (que tem forma mercantil); do outro, os homens livres, sem propriedade e sem salário – o trabalho cabe aos escravos – que só através do favor dos primeiros participam da riqueza social” (Ibidem, p. 129). Percebe-se como o favor opera de maneira preponderante tanto em *A mão e a luva* como em *Helena*, aparecendo como elemento interpelador e orientador das condutas das personagens principais, o que confere, na leitura de Schwarz, centralidade ao favor e verossimilhança aos romances de Machado de Assis, que avançava, contundentemente, em relação a José de Alencar.

Com *Iaiá Garcia*, o analista chega ao final de seu estudo sobre os romances da primeira fase machadiana. Sua leitura indica que este livro é apresentado na chave do “completo desencanto”, diferentemente do “cinismo ingênuo” de *A mão e a luva*, e do “purismo” de *Helena*. Deve-se ressaltar que, segundo a interpretação do crítico, este “completo desencanto” jamais se traduz em desrespeito (Ibidem). A interpretação de Schwarz aponta que, em *Iaiá Garcia*, a “idealização desta vez é pouca, mas suficiente para os seus fins: protegendo as pessoas contra as ilusões com que o paternalismo as logra e diminui, o desencanto lhes preserva a dignidade humana, e por esta via inesperada salva a dignidade também ao próprio paternalismo” (Ibidem, p. 152, grifos do autor). *Iaiá Garcia* é, conforme a análise do autor, o mais verossímil dos três romances, bem como o mais burilado no que concerne ao travejamento social, porém, “junta-se a eles na intenção de justificar, que é o verdadeiro limite da primeira fase” (Idem, p. 152). Percebe-se que em *Iaiá Garcia*,

desde as primeiras páginas o leitor percebe a realidade mais abundante, menos esquemática, e ainda assim melhor unificada. Como era de esperar, a apreciação das relações sociais é propícia também ao realismo literário, e se não assegura o ângulo crítico radical, pois pode se associar a uma atitude conformista, assegura a propriedade e a latitude na incorporação da empiria. Se nos romances anteriores a estreiteza do ponto de vista acabava por distanciar o paternalismo literário do que se praticava efetivamente, agora Machado está numa posição que os aproxima, e que permite a circulação mais desafogada entre os espaços do romance e da realidade. (Idem, p. 152)

Schwarz identifica a passagem de expressões e noções vinculadas à *práxis* do paternalismo para o plano do texto, as quais, segundo ele, não se encontravam presentes nos romances anteriores (Ibidem), constituindo matéria problemática de primeira importância ao

receber tratamento destacado em *Iaiá Garcia*. O léxico que perpassa o livro tem estreita relação com a prática do paternalismo, podendo-se perceber, mais minuciosamente, o plano concreto das relações sociais em voga no Brasil oitocentista, havendo, conforme nota o crítico, melhor unificação da matéria tratada. Desta forma, Schwarz nota a existência de uma ampla gama de tipos específicos de dependentes, “que começa na submissão total e inocente, vizinha da escravidão e da devoção religiosa, passa pela submissão abjeta do oportunista, chega à submissão contrariada das pessoas que se prezam, e vai mesmo à ruptura do vínculo de dependência, através do trabalho assalariado” (Ibidem, p. 158). Esta vasta gama de dependentes demonstra, na ótica de Schwarz, o processo social em sua variedade, complexificando e matizando a análise. Em suma, a escala dos dependentes no romance é complexa, “pois nem a dependência é sempre indigna, nem a independência é sempre feliz” (Ibidem, p. 160).

Segundo Schwarz, “a relativa normalização das relações entre paternalismo e interesse material é um dos sinais da maturidade deste romance” (Ibidem, p. 161). Na visão do crítico, quando contrastado *Iaiá Garcia* em relação aos demais romances da primeira fase machadiana, pode-se perceber um amadurecimento, ampliação e unificação da matéria dos romances anteriores. Segundo Schwarz,

O paternalismo está presente em toda parte e de várias maneiras, no centro dos conflitos e nas figuras periféricas, enquanto terminologia, matéria de observação trivial e assunto de reflexão mais sustentada, enquanto clima, ideologia, elemento de caráter, e veremos também que enquanto mola profunda do enredo e da organização formal (Idem).

No que se refere à análise de Schwarz a respeito das relações de favor, sua leitura realça uma dimensão que adensa o procedimento das relações sociais inscritas na urdidura do texto. Uma das principais personagens do romance, Luís Garcia, que é funcionário público – o que não o impede de ter sua conduta interpelada pela lógica paternalista e do favor - realiza um movimento importante, segundo a análise de Schwarz, o “obséquio impessoal”, o qual logra importância na economia dos argumentos do crítico, tendo em vista a tentativa, por parte de Machado de Assis, de racionalizar o paternalismo. Segundo Schwarz:

Luís Garcia presta os seus favores a frio, sem maior envolvimento pessoal, a ponto de esquecer-los depressa, o que o preserva da traficância de imaginações que acompanha o obséquio paternalista. Neste sentido, trata-se de limpar a troca de favores de seu aspecto caloroso e indigno, ligado às relações de dependência, de que Machado tinha uma análise tão dura. Por outro lado, esta limpeza tem também o caráter de uma *racionalização*. (Ibidem, p. 173, grifo do autor)

No entanto, Schwarz sinaliza que a ideia referida ao “obséquo impessoal” é contraditória *per se*, por guardar o formato da relação social, dispensando o seu móvel, que não é de sua predileção, ou seja, as satisfações e vantagens auferidas e decorrentes da obrigação do favor (Ibidem). Schwarz ressalta que a personagem encarna um *ethos* dotado de “hábitos regulares” e “metódicos”, que podem ser enxergados como elementos oriundos da ética do trabalho e da autonomia pessoal (Ibidem), conforme discutido por Weber⁵. Nesta direção, Schwarz avança um ponto relevante para o empreendimento de sua posterior análise do romance *Memórias póstumas de Brás Cubas*, pois não somente personagens como Luís Garcia expressam a tensão existente entre o “paternalismo” e o “sentimento burguês”, já que o narrador também a exprime, por meio de uma “hesitação técnica e ideológica” (Ibidem: 175)⁶. Para Schwarz, o vaivém existente “entre aspirações individuais e obrigações familiares, finalidades do mundo moderno e motivos paternalistas, é um dado da organização da matéria, que se opõe à forma dominante do livro que restava apurar” (Ibidem, p. 215).

Desta maneira, a leitura que Schwarz realiza, em *Iaiá Garcia*, indica que “o arbitrário do paternalismo está enfim transformado em princípio formal, ainda que pouco desenvolvido: o seu movimento é o movimento do enredo” (Ibidem, p. 197). Neste sentido, Schwarz afirma que Machado de Assis, no momento em que encontrava uma solução possível para o realismo brasileiro, abandonava, concomitantemente, a fórmula consagrada do realismo europeu, bem como o domínio da racionalidade convencional. O narrador de *Iaiá Garcia*, para o analista, “assimila e transforma em regra subjetiva – e portanto em elemento formal – o momento de arbitrário que é parte de seu assunto, para infligi-lo ao leitor” (Ibidem, p. 208).

Este movimento encaminha Machado de Assis para o tipo específico de narrativa de sua segunda fase, onde o “arbitrário do narrador estará assumido, e posto em primeiro plano descarado, enquanto a sua autoridade e a intenção de justificar se tornam fatores de derrisão” (Idem). Este movimento é central nos romances de maturidade de Machado de Assis, uma vez que a perspectiva passa a ser a do senhor, e não mais a do dependente, movimento este

⁵ Para mais detalhes, afigura-se imprescindível a leitura de *A ética protestante e o “espírito” do capitalismo* (1904), de Max Weber.

⁶ O narrador de *Memórias póstumas de Brás Cubas* concilia, de acordo com a interpretação de Schwarz, formalizada em *Um mestre na periferia do capitalismo* (1990), as vantagens clientelistas e burguesas, mobilizando uma ou outra, a seu bel prazer, tendo em vista apenas seu desiderato (SCHWARZ, 2000b). Deve-se observar que a volubilidade do narrador – forma das *Memórias* – não constitui uma idiosincrasia da personagem-narradora, mas uma característica central e generalizável para a classe dominante brasileira como um todo, que oscilava constantemente entre dois polos distintos de orientação das condutas: o polo do receituário liberal-burguês e o da sociedade escravista.

acompanhado de perto pela análise de Schwarz. Sublinha o autor: “De fato, Machado completava a sua ascensão social. Em seus romances maduros o arbitrário será encarado com a intimidade humorística de quem se confessa praticante, e já não tem o que temer. O ponto de vista passou a ser o de cima” (Ibidem, p. 231).

Considerações finais

Procurou-se indicar, por meio deste trabalho, o processo de construção da problemática referente às relações de favor, no livro *Ao vencedor as batatas*, de Roberto Schwarz, tendo em vista sua análise sobre três dos primeiros romances de Machado de Assis, que têm como centro, segundo o crítico, a discussão a respeito do “paternalismo e sua racionalização”. Este movimento analítico pode contribuir para a reflexão sobre o processo de construção intelectual cumulativo, no que se refere à perspectiva de Schwarz sobre o favor, elemento central em diversas obras de intelectuais que construíram interpretações sobre a sociedade brasileira. Faz-se relevante mencionar que a matéria local prepondera na análise de Schwarz acerca dos primeiros romances machadianos, própria da configuração e da experiência social brasileira, trazendo à tona o favor como um dos aspectos constitutivos centrais da dinâmica de nossa vida social.

Ampliando o alcance da discussão aqui proposta, sempre atenta à constelação de intelectuais que se preocuparam em tratar a conflituosa relação entre as esferas pública e privada no Brasil, procurar-se-á, no decorrer desta pesquisa, situar o favor diante desta relação mais ampla, justamente por ele constituir ponto-chave contributivo para a ocorrência de certa tensão entre os polos público e privado na sociedade brasileira. Deve-se dizer que a tese relativa à hipertrofia da esfera privada e da atrofia da esfera pública além de não receber o mesmo tratamento em diferentes tradições ou correntes do pensamento social, não assume o mesmo sentido político (BOTELHO, 2011).

A questão referente à relação entre público e privado se afigura relevante para esta pesquisa, pelo fato de a mesma emergir peremptoria em diversas interpretações do Brasil. Somada a isto, a maneira como esta relação aqui se desdobra, não é sem consequências para a democracia liberal-burguesa, não apenas de um ponto de vista formal e institucional *stricto sensu*, mas também no que diz respeito “às formas sociais de sua organização, exercício e

realização no dia a dia” (Ibidem, p. 427). A análise da obra de Roberto Schwarz logra relevância para esta pesquisa, visto que o autor traz elementos para a reflexão sobre os limites da questão dos direitos representada pela vigência das relações de favor como cultura política. A meu ver, Schwarz pode contribuir decisivamente para a compreensão e explicação da dialética entre favor e direitos, bem como de seu papel assumido no processo de constituição do Estado-nacional brasileiro.

Sua obra pode fornecer subsídios para o entendimento da dinâmica do baralhamento entre público e privado no Brasil, já que este baralhamento, marca da cultura política, da sociedade e do Estado aqui formados, a partir da colonização portuguesa, “constitui uma das construções intelectuais mais tenazes do seu pensamento social” (BOTELHO, 2007, p. 49).

Referências:

ARANTES, P. Sentimento da dialética na experiência intelectual brasileira: dialética e dualidade segundo Antonio Candido e Roberto Schwarz. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

BUENO, A. O negativo da Nação – Roberto Schwarz pensa o Brasil. In: A vida negada e outros estudos. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2013.

BOTELHO, A. Seqüências de uma sociologia política brasileira. DADOS Revista de Ciências Sociais. Rio de Janeiro, IUPERJ, vol. 50, n. 1, 2007, pp. 49-82.

_____. Público e privado no pensamento brasileiro. In: Botelho, A. & Schwarz, L.M. Agenda brasileira: temas de uma sociedade em mudança. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

CANDIDO, A. Literatura e sociedade. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2010(a).

_____. O discurso e a cidade. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2010(b).

FRANCO, M. S. C. Homens livres na ordem escravocrata. São Paulo: Ed. Unesp, 1997.

FREYRE, G. Sobrados e mucambos. São Paulo: Global, 2004.

HOLANDA, S. B. Raízes do Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

LEAL, V. N. Coronelismo, enxada e voto. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

LÓPEZ, S. Olhares periféricos: a teoria estética de Adorno no Brasil. In: Cevasco, M. E. & Ohata, M. (Org.). Um crítico na periferia do capitalismo: reflexões sobre a obra de Roberto Schwarz. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

QUEIROZ, M. I. P. O mandonismo local na vida política brasileira e outros ensaios. São Paulo, Ed. Alfa-Omega, 1976.

SCHWARZ, R. Adequação nacional e originalidade crítica. In: Sequências brasileiras. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

_____. Pressupostos, salvo engano, de "Dialética da malandragem". In: Que horas são?". São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

_____. Ao vencedor as batatas. São Paulo: Duas Cidades; Ed. 34, 2000(a).

_____. Um mestre na periferia do capitalismo: Machado de Assis. São Paulo: Duas Cidades; Ed. 34, 2000(b).

VIANNA, F. O. Populações meridionais do Brasil. Rio de Janeiro: Paz e Terra, Governo do Estado do Rio de Janeiro, UFF, 1973.

WAIZBORT, L. A passagem do três ao um. São Paulo: Cosac Naify, 2007

_____. Roberto Schwarz: entre forma literária e processo social. In: Botelho, A. & Schwarcz, L.M. Um enigma chamado Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.